

---

**Movimento da Negritude no século XX e seus desdobramentos no XXI:****Um estudo sobre a luta de intelectuais negros em Paris e legados políticos<sup>1</sup>**Zilda MARTINS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

**RESUMO**

Este trabalho discorre sobre o propósito de desenvolver pesquisa acerca do Movimento da Negritude que teve forte amplitude na Europa e na América em meados do século XX. O projeto pretende investigar as narrativas midiáticas sobre as relações raciais, os desdobramentos da luta por direitos civis, cuja ideia de transformação tenha no sujeito concreto o seu foco; identificar os intelectuais negros contemporâneos de Paris, suas principais ações, se e como o Movimento influenciou a luta pela afirmação e pelo combate ao racismo. É objetivo ainda descobrir que legados políticos podem ser apontados no século XXI e identificar o que resta do Movimento da Negritude, sua ressignificação nos movimentos negros atuais. A questão que se coloca é: o que os atores políticos do Movimento da Negritude, na França, têm a dizer ao Brasil?

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento da negritude; Aimé Césaire; intelectuais negros; relações raciais; narrativas midiáticas.

**INTRODUÇÃO**

O projeto de pesquisa apresentado se propõe a investigar o Movimento da Negritude no local onde nasceu. Datado da década de 1930 e considerado uma revolução cultural negra em Paris, o movimento adquire repercussão no meio intelectual francês e é ancorado na literatura, nas artes plásticas, na imprensa, mesmo antes de conquistar o nome que o tornou conhecido. Alcança visibilidade ainda como movimento marxista, mas só vai manifestar consciência racial com os intelectuais negros Aimé Césaire (Martinica), Leopold Sédar Senghor (Senegal) e Leon-Gontran Damas (Guiana Francesa).

A pesquisa será desenvolvida sob a supervisão do antropólogo Marc Abélès, da École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS (acolhimento, base e realização

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pesquisadora do LECC/ECO/UFRJ. Coordenadora do Grupo de estudos sobre Relações Raciais no Brasil. E-mail: [zildamarti@yahoo.com.br](mailto:zildamarti@yahoo.com.br).

---

dos trabalhos). Outras três universidades também serão investigadas quanto a existência ou não de novos grupos de intelectuais negros, como l'Université Paris 8 Saint-Denis, l'Université Paris-Sorbonne, e Nanterre.

No início do século XX, no pós-guerra e década seguinte, Paris vivia sob a efervescência cultural e era uma atração para artistas e intelectuais do mundo. Nem mesmo a luta pela libertação das então colônias africanas sob o domínio francês, impediu o reconhecimento literário ao intelectual negro, poeta, escritor e ativista político, René Maran. A Académie Goncourt concedeu um importante prêmio literário francês, “Le Prix Goncourt”, em 1921, ao antilhano René Maran, pelo romance “Batouala”, “um verdadeiro panfleto contra o colonialismo.”<sup>3</sup> (ROUSSELET, 2011, p. 51).

A Europa, tornada potência pela conquista da expansão territorial, era exemplo de modernidade para o mundo. Contudo, as relações raciais se constituíam pela hierarquização e inferiorização dos não brancos. Além da ciência, a filosofia “garante aí o poder da identidade europeia ou ocidental, assim como a hegemonia de um pensamento.” (SODRÉ, 2015, p. 19). Somente a partir das reflexões sobre cultura e identidade conduzidas pela Unesco por volta de 1950, o conceito de raça de caráter biológico foi reconhecido como equivocado. Raça só havia uma, a humana. No entanto, historicamente, “a raça e o racismo foram erigidos pelos não-negros em uma metaconsciência totalizadora, definidora do humano em termos puramente tautológicos, maniqueístas e essencialistas, como fruto de uma metavisão hegemônica.” (MOORE, 2010, p. 9).

É nesse cenário de hegemonia branca que surgem os movimentos de resistência contra a opressão social, econômica, política e simbólica. Na esteira do Pan-Africanismo (movimento político de luta pela liberação da África do domínio Europeu) emerge a Negritude, um conceito gestado pela ação política e cultural dos jovens intelectuais Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor e Leon-Gontran Damas, todos poetas e estudantes na França. O mote da luta contra o domínio europeu era a emergência da consciência racial, de modo que a população negra e em diáspora compreendesse a força simbólica da colonização e pudesse reagir. A efervescência da luta anticolonialista e anti-imperialista tinha dimensões internacionais. A Inglaterra e os Estados Unidos

---

<sup>3</sup> Versão em espanhol: “Señalemos que el premio Goncourt le correspond en 1921 a René Maran, un antillano, el primer hombre negro (noir) en ganhar ese premio en Francia, por su novela Batouala<sup>14</sup>, un auténtico libelo contra el colonialismo.” (ROUSSELET, 2011, p. 51).

---

experimentaram movimentos de intelectuais e artistas negros, embalados pelos ideais marxistas, culturais e literários.

Nos EUA, o *Harlem Renaissance*, também chamado de *New Black Movement*, data de 1920. Era o local de manifestação de diferentes expressões culturais afro-americanas e se caracterizava pelo orgulho racial. A influência de luta se amplia e nos anos de 1980, diz o historiador Devés-Valdés (2008), uma grande quantidade de intelectuais africanos vai para os Estados Unidos, tornando o país o novo local do pensamento africano. “A rede intelectual de afrodescendentes e africanos mais importante nessa época é a que articula pessoas que vivem na Costa Leste dos Estados Unidos com as do Canadá e algumas ilhas do Caribe.” (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p. 103).

Em Paris, as ações de ativistas do Movimento da Negritude, segundo Carlos Moore (2010), foram influenciadas por publicações que repercutiam o Pan-Africanismo, entre elas, *La Race Nègre* (A Raça Negra), *Le Crie des Nègres* (O Grito dos Negros), *La Grande Patrie* (A Grande Pátria), *Les Continents* (Os Continentes), *La voix des Nègres* (A Voz dos Negros), *La Revue du Monde Noir* (A Revista do Mundo Negro) e *Légitime Défense* (Legítima Defesa). Com o movimento, cresce a consciência política e racial e a luta pelo tornar-se sujeito de si, sem a necessidade de ser outro para ser aceito. Ainda na capital francesa, intelectuais consagrados juntam-se às lutas pela liberdade simbólica e real, reforçando o Movimento da Negritude. É de Jean Paul Sartre o prefácio do livro *Anthologie de la nouvelle poésie africaine et malgache* (Antologia da nova poesia africana e malgache)”, de Senghor. Sartre escreve ainda o prefácio do livro “Os condenados da terra”, de Frantz Fanon.

O objetivo principal dessa pesquisa é investigar a amplitude do Movimento da Negritude, a repercussão na contemporaneidade, as narrativas midiáticas sobre as relações raciais e a luta por direitos civis, a partir da busca e análise das novas manifestações de jovens intelectuais negros, considerando as mudanças políticas, sociais, econômicas, as demandas contemporâneas, as disputas e conflitos das relações raciais.

Dentre os objetivos específicos destacam-se a investigação acerca dos desdobramentos do Movimento da Negritude no século XXI e a luta por direitos civis, cuja ideia de transformação tenha no sujeito concreto o seu foco; a identificação de intelectuais negros contemporâneos, suas principais ações, movimentos e instrumentos

---

de luta; a análise de como o intelectual negro percebe sua história no passado, como ressignifica no presente e como o Movimento da Negritude influenciou a luta pela afirmação e pelo combate ao racismo. Para tanto, serão examinados o conceito de Negritude, a circulação da ideia de transformação das relações raciais e identificados os principais líderes intelectuais, os legados políticos do Movimento da Negritude, em dimensão Inter territorial, diferenças e semelhanças entre os dois períodos (século XX e XXI).

A fim de cumprir os objetivos expostos serão levantadas as organizações de estudantes negros nas Universidades Paris 8 Saint-Denis, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Universidade Paris-Sorbonne e Nanterre, com o propósito de conhecer as principais demandas, os meios de comunicação utilizados para veiculação de ações, movimentos e divulgação de suas ideias. Por fim, a proposta é identificar possíveis respostas para a questão: o que os atores políticos do Movimento da Negritude, na França, têm a dizer ao Brasil?

A metodologia aplicada terá amparo em duas perspectivas metodológicas: bibliográfica, de natureza qualitativa e empírico-descritiva; quantitativa, de coleta e sistematização de dados. A proposta é a imbricação entre a análise teórica e empírica como a realização técnica de um processo (Fausto Neto, 2004). A revisão bibliográfica se centrará no tema da negritude e correlatos, a partir de autores como os precursores do Movimento, Aimé Césaire, Leon-Gontran Damas e Leopold Sédar Senghor, e outros a exemplo de Romuald Fonkoua, biógrafo de Césaire, e Jean Paul Sartre.

Haverá ainda a utilização da técnica de entrevista semiaberta a ser realizada após a identificação de novos grupos de intelectuais negros que trabalham com a negritude ou com o seu ressignificado. Por fim, o trabalho será organizado segundo o método sinóptico de Sodré (2014), que consiste na reunião dos diferentes discursos e das tensões plurais sobre um mesmo sujeito analisado, permeando diversos campos, dentre eles a comunicação, antropologia, literatura, sociologia, psicologia e filosofia, o que possibilita o aprofundamento da análise crítica, independente do marco teórico escolhido.

## **1. Movimento da Negritude na França**

O que houve na França, por volta de 1930, a partir de um movimento espontâneo de jovens estudantes negros, que cunhou o termo negritude como um conceito

revolucionário de luta social, cultural e política, é um exemplo de luta por liberdade civil. As ações influenciaram jovens intelectuais no combate ao colonialismo, ao fascismo, ao racismo e pela independência dos países africanos, tornados colônia por potências europeias.

O movimento surge em um cenário de reflexões sobre cultura e modernidade, diante do processo de industrialização e surgimento de instituições sociais modernas, de um lado, e do horror gerado pela violência e pela classificação humana em raças superiores e inferiores, do outro. Nesse contexto, cresce a tensão e críticas são produzidas em jornais, revistas e meios acadêmicos. Os protagonistas do movimento se apoiam em organizações marxistas, sem deixar de serem críticos às pautas de luta que não contemplam a opressão das relações raciais. Outras instituições da sociedade civil também são inspiradoras da negritude.

“Fundada logo após a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), a UNIA<sup>4</sup> se converteu em uma gigantesca organização que, no seu apogeu, nas décadas de 1920 e 1930, chegou a somar entre dez e quinze milhões de afiliados.” (MOORE, 2010, p.11). O objetivo da associação, de acordo com Moore (2010), era agregar todos os povos negros do mundo numa espécie de guarda-chuva ideológico e político, de modo que os povos da diáspora e da África pudessem expulsar os invasores e libertar todo o continente. Na luta pela descolonização, o movimento do Pan-africanismo reunia intelectuais e ativistas políticos, promovendo grandes conferências com fortes repercussões, como o *slogan* “A África para os Africanos”<sup>5</sup>.

É do encontro com a inconformidade dos jovens poetas que nasce o conceito de Negritude. Emerge do debate intelectual e político, da consciência racial e da ação, da militância pela independência e liberdade dos países africanos. A Negritude seria um modo de enfrentamento da raça, imposta pelo ocidente.

Césaire combate o sistema de pensamento de uma civilização que se diz superior, que institui o universal para si, em torno dos próprios interesses. A luta dos intelectuais é contra o eurocentrismo, cuja dimensão gera graves consequências, dentre elas “separar o homem de suas raízes, separar o homem de seu universo, separar o homem da sua própria humanidade e, isolá-lo, em definitivo, em um orgulho suicida ou em uma forma racional e científica da barbárie.” (CÉSAIRE, 2010, p. 110).

<sup>4</sup> UNIA – Associação Mundial para o Melhoramento da Condição dos Negros

<sup>5</sup> A frase é de Edward Wilmont Blyden (1832-1912), das Ilhas Virgens, tornada mais tarde, pelo jamaicano Marcus Garvey (1887-1940), um símbolo da luta pela descolonização. (Moore, 2010).

---

O conceito da Negritude também sofreu críticas, inclusive dos próprios africanos. Derivado do termo *négre* (considerado pejorativo), o conceito tinha por objetivo enfrentar os termos “raça” e “negro”, impostos pelo ocidente, contrapondo a negação da identidade negra com a afirmação da identidade racial, como defende Césaire. Nas palavras de Carlos Moore “[...] o chamado Mundo Negro – principal alvo das agressões e depreciações do expansionismo ocidental – nunca escapou da *noção* de raça definida fora dos seus domínios, sem a sua participação e sempre contra ele.” (MOORE, 2010, p. 9). A Negritude representava a afirmação radical contra os opressores e por isso, evidentemente, não passou despercebida e nem tinha unanimidade.

Um dos próprios precursores do movimento, Leopold Sédar Senghor acabou contribuindo, mais tarde, para as críticas ao conceito de Negritude ao afirmar, em uma de suas declarações, diferenças consideráveis entre a Europa e a África, atribuindo aos ocidentais à lógica e aos africanos, à emoção. “A emoção é negra e a razão é helênica.” (SENGHOR, *apud* MOORE, 2010, p. 23). Outros teóricos rejeitaram a Negritude, acusando o conceito de racista, essencialista e reacionário. A ironia do intelectual senegalês – vencedor do prêmio Nobel de Literatura – Wole Soyinka, segundo a qual o tigre não precisava declarar sua tigridade para atacar, simplesmente atacava sua presa para matar, teve grande repercussão. Para outros críticos, a Negritude pertencia ao passado.

Após mais de 50 anos da criação do termo, Aimé Césaire reafirma em um Congresso, nos Estados Unidos<sup>6</sup>, o conceito original de Negritude. Para ele, trata-se de uma condição humana de existência de povos que sofreram opressão e foram marginalizados e violentados pela história. Césaire ressalta que a Negritude é uma necessidade profunda e inegável. Afirma que além da tomada de consciência da diferença, a negritude pode ser definida como memória, fidelidade e solidariedade.

Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. [...] A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar da dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. [...] contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu. (CÉSAIRE, 2010, p. 109).

---

<sup>6</sup> Aimé Césaire participou da I Conferência Hemisférica sobre a Negritude, com o tema “Negritude, Etnicidade e Culturas Afro nas Américas”, realizada na *Flórida International University* (FIU), em Miami, de 26 a 28 de fevereiro de 1987. Ver: Moore, 2010.

---

O autor (2010) explica que a revolta era contra o sistema mundial de cultura, ou de pensamento, cujas discriminações estabeleceram uma hierarquização profunda. Contudo, observa, para além do impasse provocado pela revolta, a Negritude “era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a fulguração intermitente do nosso possível devir.” (CÉSAIRE, 2010, p.110).

## 2. Intelectuais negros no Brasil

Desde 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento assinado pelos países membros da ONU (Organização das Nações Unidas), foi lançada com o fim de garantir os direitos fundamentais dos povos. Nele, está declarado o direito à dignidade humana, a igualdade, a proteção em nome da lei e outros tantos. O esforço para colocar em debate a importância dos direitos humanos foi motivado pelos horrores da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Contudo, os direitos mínimos de parcela importante da população mundial, os africanos ou afrodescendentes, são tradicionalmente negados. Os avanços que se observam no tocante ao combate à opressão acontecem pela via da luta pela liberdade civil, conduzida pelos próprios sujeitos afetados. Um exemplo são as lutas do Movimento Negro por reconhecimento, combate ao racismo e educação, intensificadas na década de 70.

Na primeira década do século XXI, uma política afirmativa<sup>7</sup>, implantada pelo Estado, marca o começo da formação de intelectuais negros no país<sup>8</sup>. Pela primeira vez, depois de mais de um século da abolição da escravatura, a população negra sai da condição de invisibilizada à tema central nas páginas dos jornais, revistas e tevês.

---

<sup>7</sup> A Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi pioneira em adotar, em 2002, as ações afirmativas, com um percentual de cotas para estudantes negros, indígenas e candidatos com deficiência. As medidas logo foram seguidas por outras universidades públicas, estaduais e federais, a despeito da forte reação midiática com acusações de racismo, divisão do país em dois, e de serem inconstitucionais. Em 2012, as ações afirmativas foram julgadas constitucionais pelo STF – Supremo Tribunal Federal e passou a ser lei.

<sup>8</sup> A conquista de direitos civis de jovens negros/as no Brasil é resultado de luta antiga de intelectuais orgânicos desejosos de se fazer reconhecer enquanto sujeitos históricos. As lutas contra a opressão datam do início da diáspora africana e se ampliam no século XX, com intelectuais como Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Oliveira Silveira, Beatriz Nascimento, Jurema Werneck, Sueli Carneiro, Nei Lopes e tantos outros. Surge em 1978 o Movimento Negro Unificado (MNU) de orientação marxista, e dele vai originar-se os movimentos negros plurais do século XXI. (Petrônio, 2007). O diálogo com o Pan-africanismo e com o Movimento da Negritude leva Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez, fundadores do MNU, a participarem em 1987 de colóquio na *Florida International University*, cujo palestrante principal, Aimé Césaire, ratifica o conceito de negritude, criado há 50 anos, na França. (Césaire; Moore, 2010).

---

Evidentemente, não com simpatia, mas ainda assim em debate, ou, como afirma Joel Rufino dos Santos, “o negro, que tinha um lugar, aparece agora como um lugar, ele próprio.” (SANTOS, 2010, p. 56). A partir das cotas, o afro-brasileiro inverte a lógica de lugar, no sentido do espaço que socialmente lhe foi concedido, como na frase popular “cada macaco no seu galho” e passa a ocupar o lugar tradicionalmente negado, o da universidade pública, do ensino superior. Dessa forma, “o negro deixou de ser negro em si para se tornar negro para si”. (SANTOS, 2010, p. 56).

Recentemente, com a introdução das cotas nos cursos de pós-graduação das universidades públicas, a perspectiva é de formação e ampliação de uma intelectualidade negra no país, com mobilização e debates na luta por direitos civis. As medidas ainda são tímidas, mas trazem em si o potencial de transformação, sobretudo se os novos intelectuais tiverem a oportunidade de praticar a dialética, tensionar a própria realidade e trocar experiências com outros países, outros intelectuais negros e outras bibliografias para além da eurocêntrica.

Coloca-se aí uma questão: no Brasil, as ações afirmativas podem representar a negritude e vir a ser o “nosso possível devir?” Em princípio, as cotas raciais emergem como a potência do jovem intelectual negro poder interferir na sua história, ele próprio como sujeito. Ora, as cotas raciais e o vigor da aproximação evidenciam as condições de possibilidades de fala entre os grupos, emergindo assim a isogoria (direito de fala), apresentada por Sodré (2014a). O prefixo *iso* significa *o mesmo, igualdade*, logo o conjunto (isonomia, isotopia e isogoria<sup>9</sup>) compõe um dos princípios da democracia, o princípio da igualdade.

O estudante cotista, como parte integrante do ensino público superior, inevitavelmente é convidado a fazer parte da *ágora*, pela própria natureza da universidade. Nessa esfera pública emerge, portanto, a diversidade e está dada a potência do ser das cotas raciais, reforçando com Agamben que “só uma potência que tanto pode a potência como a impotência é, então, a potência suprema.” (AGAMBEN, 1993, p. 34). Um exemplo dado pelo autor é o pianista, que tendo a potência de tocar, tem igualmente a potência de não tocar.

---

<sup>9</sup> Isonomia – direito formal; isotopia – direito de lugar; isogoria – direito de fala.

---

Pensando com esses autores, a sociedade que vem está ancorada na potência do ser das cotas raciais na graduação e, mais recentemente, na pós-graduação<sup>10</sup>. O protagonismo dos novos intelectuais negros não se dará evidentemente sem luta, mas apoiado na dimensão da negritude de caráter urgente e emergente da consciência racial, da ação política e da rejeição ao racismo. Césaire já afirmava que a Negritude foi responsável não por um impasse histórico, como diziam alguns, mas por um encontro que “nos levava a nós mesmos [...]”. Era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a fulguração intermitente do nosso possível devir.” (CÉSAIRE, 2010, p. 110). Logo, o *ethos* das políticas públicas de ações afirmativas está impregnado da potência do encontro pela cultura e coexistência na diversidade, vislumbrando uma sociedade mais democrática.

### 3. Lutas e ameaças

No contexto contemporâneo, apesar da luta, o devir não está garantido. Considerando um cenário político instável, de insegurança constitucional, jurídica e conservadorismo em alta, as políticas públicas de ações afirmativas, embora já sejam um fato, não estão deslocadas do momento de vulnerabilidade. *Slogans* como “nenhum direito a menos, nenhum passo atrás”, são recentemente levados às ruas em manifestações contra o golpe de Estado ocorrido no Brasil, em 2015. A luta se amplia e se complexifica, sobretudo diante de um Estado comprometido com as políticas neoliberais, que de acordo com Marc Abélès (2006), ameaçam o futuro.

Entramos num universo onde o futuro é pensado sobre o modo de probabilidade e cede lugar aos cálculos e às estratégias. [...] O prognóstico é substituído pela profecia. Passamos de uma estrutura temporal estática caracterizada pela circularidade da história a uma estrutura dinâmica onde regem a aceleração e a irreversibilidade do tempo<sup>11</sup>. (ABÉLÈS, 2010, p. 29).

---

<sup>10</sup> No dia 12 de maio de 2016 foi publicada no Diário Oficial Portaria nº 13, do MEC, sobre as ações afirmativas na pós-graduação das instituições de ensino público federal. Incentiva as cotas para negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência nos cursos de Mestrado, Mestrado Profissional e Doutorado. Disponível em: [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/120\\_520\\_16-PORTARIA-NORMATIVA-13-DE-11-DE-MAIO-DE-2016-E-PORTARIA-N-396-DE-10-DE-MAIO-DE-2016.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/120_520_16-PORTARIA-NORMATIVA-13-DE-11-DE-MAIO-DE-2016-E-PORTARIA-N-396-DE-10-DE-MAIO-DE-2016.pdf). Acesso em: 17 jun. 2017.

<sup>11</sup> Versão original: “On est dans un univers où le futur est pensé sur le mode de la probabilité et laisse place aux calculs et aux stratégies. [...] le pronostic se substitue à la prophétie. On passe d’une structure temporelle statique caractérisée par la cyclicité de l’histoire, à une structure dynamique où régissent l’accélération et l’irréversibilité du temps.” (ABÉLÈS, 2010, p. 29).

Com isso, o futuro se torna desconhecido, o tempo presente acelerado e as atitudes políticas diferentes das do passado, acrescenta o autor (Idem, 2010). Abélès lembra que no século XX, a grande ameaça do futuro era a guerra fria e a possibilidade do uso de armas químicas de destruição em massa. Podemos afirmar com o autor que no século XXI, o deslocamento da ameaça foi para a globalização do mundo e o processo de tecnologização, considerando a (des)importância do sujeito diante da máquina. A tecnologia a serviço do neoliberalismo e do consumo orienta as relações humanas por meio da técnica. “[...] Em todas as relações humanas já se encontram embutidas formas técnicas de interação, ou seja, até mesmo no corpo e no gesto do indivíduo – que se afiguram como inapropriáveis pela alteridade – se fazem presentes os traços da tecnologia total.” (SODRÉ, 2014, p. 177).

Nessa era – da tecnologia – a supervalorização do consumo é apresentada por Baudrillard (1970) como a nova moral do mundo. Para o autor (1970), “a revolução do bem-estar”, assim como outras revoluções, tem por princípio a igualdade dos homens. Contudo, na sociedade de consumo, ressalta que os princípios democráticos se limitam à uma igualdade diante do objeto. “É a democracia do padrão, a democracia da TV, do veículo e do sistema de som, democracia aparentemente concreta, embora igualmente formal, que responde, acima das contradições e desigualdades sociais, ao modo da democracia formal inscrita na Constituição.”<sup>12</sup> (BAUDRILLARD, 1970, pp. 60-61). O autor (Idem, 1970) denuncia essa igualdade diante do objeto ou a política do consumo como ameaças ao estar no mundo, uma destruição do sujeito e suas singularidades. Baudrillard nos ajuda a compreender que tal igualdade, regida pelo mercado, é um eufemismo para o não enfrentamento da desigualdade real.

Assim como as relações raciais estão ausentes do marxismo, “a globalização tecnoeconômica do mundo [...] deixa intocada a questão do etnocentrismo ocidental, a questão essencial da heterogeneidade simbólica.” (SODRÉ, 2015, p. 20). No marxismo, a luta de classes parecia uma resposta ao enfrentamento dos conflitos, motivando revoluções históricas, e na globalização, a tecnologia parece democratizar o acesso pela via da internet, onde todos podem ser produtores e interlocutores ao mesmo tempo. Em

---

<sup>12</sup> Versão original: “C’est la *démocratie du standing*, la démocratie de la T.V., de la voiture, et de la chaîne stéréo, démocratie apparemment concrète, mais tout aussi formelle, qui répond, par-delà les contradictions et inégalités sociales, à la démocratie formelle inscrite dans la Constitution.” (BAUDRILLARD, 1970, pp-60-61).

ambos os paradigmas, as opressões das relações raciais são ignoradas. Ou seja, tanto do ponto de vista político, quanto econômico e social, a população afrodescendente se vê obrigada a uma “igualdade” imposta. O resultado disso é o que Fanon chama de “patologização social”, considerando os recursos psicológicos usados pelo colonizador a ponto de o colonizado se pensar um igual, ser totalmente destituído de consciência racial e se tornar um aliado do opressor. “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial.” (FANON, 2008, p. 30).

Alegando obedecer a uma “exigência dialética”, Fanon questiona Freud, Adler e Jung. Diz que em suas pesquisas, eles não pensaram nos negros e que os conflitos considerados nas observações de tais autores foram apenas de pessoas brancas, famílias e sociedades brancas. “Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família negra normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco.” (FANON, 2008, p. 129). Uma das explicações é a ausência de espelho, haja vista que a representação do mal, do selvagem, do diabo, sempre recaindo sobre o negro ou o índio é um modo da criança negra desejar ser branca. O autor martinicano acrescenta que até 1940, os antilhanos não se consideravam pretos. “Só com o aparecimento de Aimé Césaire é que se viu nascer uma reivindicação, uma negritude assumida.” (FANON, 2008, p. 135-136).

A patologia social identificada por Fanon (2008) está presente nas sociedades modernas. No Brasil até meados do século XX era veiculada a ideia de democracia racial, a despeito de uma realidade de discriminação e de racismo. Gilberto Freyre contribuiu fortemente para a fixação desse conceito, a partir da obra *Casa-grande & senzala*, de palestras, conferências e publicações, tanto no Brasil como no exterior, observa Fernanda dos Santos (2016). “Freyre aspira mostrar como a sociedade brasileira é harmônica, no que concerne às suas relações raciais”. (SANTOS, 2016, p. 27). A crença na democracia racial negava a cor da pele como uma marca de diferenciação no interior da sociedade. Tal ideologia que ignora a cor, como diz Gordon (2008) no prefácio da obra de Fanon (2008) reforça o racismo que nega. “Com efeito, a exigência de ser indiferente à cor significava dar suporte a uma cor específica: a branca.” (GORDON, 2008, p. 14).

Em sua tese, Martins (2015) observa que no século XIX, durante o sistema de governo escravocrata, em uma recusa existencial, se praticava a exnominação. Ou seja, o nome da pessoa negra era substituído por apelidos negativos, como “coisa ruim”, “boi

---

zebu”, “peste”, “capeta” e outros, de modo a não se admitir a humanidade do sujeito. Em suas análises, a autora (2015) constata que tal exnomação é reatualizada no século XXI, em narrativas midiáticas, quando a referência é o estudante ou candidato negro a uma vaga na universidade pública por meio das ações afirmativas. “O aluno negro é narrado na imprensa apenas como negro, perdendo o status de estudante.” (MARTINS, 2015, p. 279). Acrescenta que diversas matérias fazem distinção ao se referir a um e a outro candidato, como “reserva de vagas para negros”, “o cotista negro”, “a cota para negro”, em oposição à “reserva de vaga para aluno da rede pública”, “estudante pobre, cotista”, “cota para aluno da rede pública.” (Idem, 2015).

Na última década, após o debate gerado pelas cotas, vem crescendo no Brasil uma reivindicação no sentido de reverter esse processo de exnomação real e simbólico. A emergência da ocupação de lugar pelo intelectual negro que reivindica sua negritude ainda é tímida, mas já é real. Nas mídias alternativas e com alguma inserção na hegemônica, é possível observar o enfrentamento do racismo, quer seja pela estética (presença de jovens negras/os assumindo o cabelo natural, usando turbantes, sem medo de se expressar), pelas denúncias, pelos debates. São micro esferas de lutas que saem do campo do privado para o público e colocam o tema na *polis*, gerando mais debates, empatias e reações.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa está em aberto e, à luz de um movimento nascido em meados do século passado, oferece ampla possibilidade de compreensão do estar no mundo na contemporaneidade. A identificação de novos intelectuais negros em Paris, *locus* do Movimento da Negritude, suas lutas, manifestações e influências é a chave para analisar os desdobramentos de luta por liberdade civil, presente no movimento dos jovens poetas da Negritude, não apenas como uma cor de pele, mas como uma realidade antropológica.<sup>13</sup> Compreender a luta dos novos intelectuais negros, os diferentes movimentos, reivindicações e traçar um paralelo entre aquele país e o Brasil pode oferecer boas respostas às nossas inquietações.

Um exemplo de luta urgente no Brasil é pela existência e pelo reconhecimento. Para tanto, a ampliação de intelectuais negros na esfera pública com o ingresso de

---

<sup>13</sup> Frase colhida de um depoimento do documentário “Negritude : Naissance et expansion du concept”, de Nathalie Fave e Jean-Baptiste Fave. Filmado no Senegal em 2005.

estudantes na Universidade é imperativo. Se por um lado a diversidade e os diferentes saberes entram em pauta, por outro provocam reação. Numa sociedade em que a mídia hegemônica naturaliza as diferenças e reforça estereótipos a disputa de narrativa adquire uma importância peculiar e demanda a obtenção de apoios em diferentes esferas sociais, a fim de neutralizar o pensamento conservador e racista, reforçado pelo neoliberalismo.

Mbembe dialoga com Foucault na crítica ao conceito de soberania de Estado-nação na modernidade. Se para o filósofo francês as relações são atravessadas pelo controle social, pelo biopoder, que determina “quem pode viver e quem deve morrer”, para o filósofo camaronês, a questão contemporânea é de legitimidade do terror, que ele chama de “necropoder.” (MBEMBE, 2016, p. 136). Ambos denunciam as narrativas e práticas de legitimidade de tal poder sobre a vida, seja na sociedade colonial, seja na moderna. Segundo Mbembe, a formação peculiar do terror “é a concatenação do biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio.” (MBEMBE, 2016, p. 132).

A importância da contribuição de Foucault e Mbembe evidencia a complexidade das relações de poder no Brasil, sobretudo quando se aborda o tema das relações raciais. Vivendo em um cenário de fragilidade da democracia, ou melhor, em um estado de sítio silencioso, a população do Brasil vem perdendo direitos sociais, adquiridos nos últimos anos, apesar de garantidos pela Constituição. Quem mais perde são os negros e os pobres, socialmente excluídos da dinâmica urbana e profundamente afetados pelo “necropoder” nas favelas, *locus* do genocídio institucionalizado. As estatísticas mostram que a população negra é que mais morre no Brasil. De acordo com o Atlas da Violência 2018, em uma década (entre 2006 e 2016), a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%, já entre os brancos houve uma redução, no mesmo período de 6,8%.<sup>14</sup> O grande terror da população das favelas, confessado por moradores, é a polícia e suas ações de violência, narrativas naturalizadas pela mídia hegemônica.

Nesse campo minado de quem pode morrer e quem deve viver, a luta primária é pela existência. Como afirma Djamila Ribeiro, nesse aspecto “a reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida.” (RIBEIRO, 2017, p. 43). Seja na luta pelos direitos das mulheres, ou na luta por implantação de políticas públicas, a população negra pratica a negritude em seu sentido mais original. As cotas raciais nas

---

<sup>14</sup> Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33410&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432). Acesso em: 08/07/2018.

universidades, nas duas últimas décadas do século XXI, são um avanço do movimento de luta contra a opressão, contra o eurocentrismo e contra a naturalização das narrativas midiáticas de normalidade numa sociedade profundamente desigual. De todo modo, está em aberto a observação da influência do Movimento da Negritude, conduzido pelos intelectuais negros na França nos anos de 1930, seus desdobramentos, lá e cá, ou suas ressignificações.

## REFERÊNCIAS

ABÉLÈS, Marc. **Politique de la survie**. Paris: Ed. Flammarion, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation: ses mythes, ses structures**. Paris: Ed. Denoël, 1970.

CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (orgs). **Aimé Césaire: Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. A época clássica: as grandes escolas e as grandes figuras (o segundo terço do século XX. In: DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **O pensamento africano sul-saariano: conexões e paralelos com o pensamento latino-americano e o asiático (um esquema)**. Rio de Janeiro: Ed. Clacso/Educam, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. “Ver” para “mandar olhar...”. In *Ícone / Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco*. – Vol. 3 nº 5 (jul.2004). Editora Contraluz, 2004.

GORDON, Lewis, R. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARTINS, Zilda. **Cotas raciais: para reatualizar o discurso da imprensa e inverter a abolição da escravatura**. Tese de doutorado em Comunicação apresentada à ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [http://C:/Users/ZILDA%20MARTINS/ Downloads/tese\\_zbarbosa\\_2015%20\(2\).pdf](http://C:/Users/ZILDA%20MARTINS/Downloads/tese_zbarbosa_2015%20(2).pdf). Acesso em: 10/07/2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, dez. 2016.

MOORE, Carlos. Prefácio “Negro Sou, Negro Ficarei” - A negritude segundo Aimé Césaire. In: CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (orgs,). **Aimé Césaire: Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PETRÔNIO, Domingues. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. (2007). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. Acesso em 26/07/2108.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

---

ROUSSELET, Laurine. **Léon-Gontran Damas**: Paso del poema negro. Trad. Vincent Ozanam. Archipiélago. Revista cultural de nuestra América. Vol. 19, N° 73, México: 2011.

SANTOS, Fernanda dos. **Raça e classe no Brasil**: um estudo comparativo quanto à raça e classe à luz de Florestan Fernandes (1920-1995) & Roger Bastide (1898-1974) e Thales de Azevedo (1904-1995). Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A Metamorfose do Negro**. In: SANTOS, Joel Rufino dos; LOPES, Nei; COSTA, Haroldo. Nação Quilombo. Rio de Janeiro: ND Comunicação, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: Notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Claros e Escuros**: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2015.